

**DESLOCAMENTOS E EXÍLIOS: UMA ANÁLISE DOS PROTAGONISTAS DE
CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM E A CHAVE DE CASA, DE
TATIANA SALEM LEVY**

Lorena de Carvalho Penalva (UFF)
Orientadora: Eurídice Figueiredo (UFF)

RESUMO

A partir de um enfoque comparatista, o texto propõe-se a refletir sobre o tema do deslocamento como busca de uma identidade perdida, tendo como objeto de análise os protagonistas dos romances: Cinzas do Norte, de Milton Hatoum e A chave de casa, de Tatiana Salem Levy. Os dois romances, com suas singularidades, expõem uma memória de imigração, uma memória do exílio durante o regime militar. Tanto Mundo, personagem hatouniana, quanto a personagem não nominada, de Tatiana Salem, revelam as migrações exteriores (deslocamento físico) e, ao mesmo tempo, as migrações interiores de dimensão ontológica, de deslocamento no sentido de ser e estar. O enfoque será dado às errâncias, aos deslocamentos na literatura refletindo sobre os imaginários do pertencimento em tempos de globalização (tempo em que as mobilidades culturais tomam força desmedida), a partir de contribuições teóricas da crítica cultural e da literatura comparada. Para cumprir a proposta deste trabalho observaremos as errâncias e as viagens de Raimundo (Mundo), que contribuem para desestabilizar os conceitos de local/global. Essa personagem é uma personagem mundana, que encontra dificuldades para se ajustar e se realizar em um determinando lugar, o que a leva a viajar por várias partes do mundo: Vila Amazônia, Rio de Janeiro, Londres, Berlim, entre outros. Ainda faremos uma análise da protagonista de A chave de casa, que faz uma viagem à Turquia e Portugal em busca de suas origens e da face oculta de sua própria identidade – uma viagem que busca a história de seus antepassados, mas, sobretudo, uma viagem em busca de si mesma. Ambos os romances apresentam os conflitos em torno de viagens a países estrangeiros, com os quais há vínculos distantes, em função dos processos de imigração de ascendentes.

Palavras-chave: IMIGRAÇÃO. EXÍLIO. HATOUM. SALEM

1. Para início de conversa

Percebemos que na literatura brasileira contemporânea há uma urgência política para discutir conceitos que perpassam o nosso tempo, como: verdade, representação, referência, subjetividade, memória. A contemporaneidade encontra espaço fértil para (re)

discutir os espaços, os tempos, a história e as subjetividades. A literatura, desse modo, se constitui como ferramenta de desestabilização do discurso histórico, desmistificando a representação e frisando a incapacidade de significar uma verdade única. Maria Zilda Cury, em um texto que fala de tendências da literatura brasileira contemporânea, afirma que as narrativas de nossa época têm certa obsessão pelo tempo presente, como se isso fosse uma estratégia para apreender o tempo antes que ele se perca nas múltiplas vozes que se inter cruzam no mundo.

Talvez se possa dizer que se trate da criação de um espaço de resistência conferido pela arte contemporânea, que recusa o esquecimento, que insiste sobre a representação memorial, mas, certamente, não como um trabalho de recuperação retrospectiva, como monumentalidade ou nostalgia; antes, como modo de encenar a experiência traumática, de tentativa, mesmo que fadada ao fracasso, de fazer o luto, de se vergar sobre o passado como forma de reflexão sobre as aporias do tempo presente. (Cury, 2015, p.216).

Há uma tentativa, nos dois romances que aqui serão analisados, de compreender o tempo presente fazendo uma volta ao passado, a partir de deslocamentos, errâncias, exílios voluntários. Vários romancistas brasileiros contemporâneos têm representado deslocamentos espaciais e temporais, mas, sobretudo, movimentos que revelam o lado sombrio e subjetivo das personagens/protagonistas. As migrações provocam fragmentações de todas as ordens, sejam culturais, identitárias, linguísticas e sociais – manifestações próprias de nosso mundo globalizado.

Tendo em vista essas questões, queremos, neste trabalho, examinar como a literatura tematiza a questão das migrações no mundo de hoje, verificando processos de identificações provocados pelo trânsito intenso de pessoas e ideias, o que propicia o surgimento de novas mestiçagens. Para tanto, exploraremos a relação dos protagonistas de Tatiana Salem Levy e Milton Hatoum com o espaço em processos de desterritorialização e reterritorialização. Hatoum é descendente de árabes, é um escritor manauara que aborda em seus romances o contexto cultural amazônico do ponto de vista da hibridez e da mistura de culturas, línguas, costumes. Tatiana Levy, assim como a protagonista do romance *A Chave de Casa*, é descendente de judeus turcos e nasceu em Portugal, quando seus pais estavam no exílio, e, aos nove meses, após a Lei da Anistia, veio com os pais para o Brasil.

Hatoum e Salem trabalham a temática do deslocamento, da imigração a partir de enfoques diferenciados - e são essas peculiaridades que serão abordadas neste artigo. Tatiana Salem Levy procura abordar em *A chave de casa* a relação entre corpo, herança e imigração. O corpo do imigrante revela um peso, uma dor que não é opcional. A autora no decorrer do romance pensa como o corpo denuncia o estranhamento frente ao estrangeiro. Milton Hatoum, por sua vez, apresenta a imigração, as trocas culturais, o choque de tradições a partir de um artista inconformado com questões políticas e familiares. Ao nosso ver, Hatoum aborda as questões imigratórias de um ponto de vista mais sociológico, enquanto Levy assume um posicionamento mais filosófico e psicanalítico. No entanto, os dois autores abordam os deslocamentos sob o viés da negatividade e do definhamento. Mundo, o protagonista de Hatoum, morre em busca de sentido para a sua existência e a protagonista não nominada de Salem faz uma viagem em busca de um passado/presente, e esse movimento é carregado de dor, silenciamentos, frustrações e vazios.

2. A busca por uma herança perdida no tempo/espço

Toda lembrança é um vestígio de lágrimas e, com o passar do tempo, essas lágrimas secam no rosto de quem já se foi. (Tatiana Salem Levy)

A Chave de Casa constrói-se a partir de quatro narrativas, em tempos diferentes, que estruturam a história de vida da protagonista e de seus familiares: a história do avô, desde sua partida de Esmirna, na Turquia; a história da doença e da morte de sua mãe; a história conflituosa e tensa de uma relação amorosa e, finalmente, a história da busca que a protagonista empreende pela própria identidade. Após o falecimento da mãe, juntamente com outros conflitos, a personagem protagonista entra em um processo melancólico que a leva a uma imobilidade destrutiva. Seu avô, nesse momento, lhe dá a chave da casa da família em Esmirna e a missão de reencontrar suas raízes. A entrega dessa chave pode metaforizar os desejos da personagem de se reencontrar, de delinear sua própria identidade e, assim, responder as perguntas que lhe vem à tona: “Nasci no exílio: e por isso sou assim, sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora da minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha? ” (Levy, 2007, p. 25).

Em seu romance Levy salienta os processos migratórios judeus, o exílio no período da ditadura militar e o sentimento de não pertencimento do estrangeiro em relação ao país de origem e ao país que escolheu para se viver. Temos, em seu romance, uma dicotomia bastante nítida: mobilidade/imobilidade. No primeiro caso, temos os movimentos migratórios que compõem uma trajetória familiar: a diáspora dos antepassados judeus; a vinda do seu avô da Turquia para o Brasil, a ida de seus pais para o exílio em Portugal e o retorno deles para o Rio de Janeiro; a viagem dela à Europa em busca de suas origens. No segundo caso, temos vários personagens acometidos pela imobilidade: doença que paralisa a autora, submissão da personagem ao amante, a morte da mãe. É nesse sentido que a sua história é narrada, num duplo de dúvidas e incertezas, mostrando a errância e a paralisia em corpos de imigrantes.

Tatiana Salem aproxima-se de uma visão filosófica para retratar a presença de “fantasmas” do passado: “não falo de aparência física, mas de um peso que carrego nas costas, um peso que me endurece os ombros (...) como se toda vez em que digo “eu” estivesse dizendo “nós” (LEVY, 2010, p.9). Durante toda a narrativa, a protagonista discorre sobre esse peso que a atormenta, que a paralisa, mas que, ao mesmo tempo, a faz sair da imobilidade. Essa fala nos leva a pensar em uma herança, em um fardo de tradições e modos de vida que a persegue. Seria a dor de não se (re)conhecer por completo? A dor da falta, do desconhecido que faz parte do Eu?

No pós-escrito de sua tese, Tatiana Salem afirma: “já nascemos com uma anterioridade inscrita em nós, em nosso corpo. Há todo um universo pré-existente que nos é passado seja de forma consciente ou inconsciente” (LEVY, 2008, p. 120). E é a partir da viagem, do deslocamento que ela procura se livrar desse peso. Como se a ida à antiga casa da família fosse proporcionar algo que estivesse perdido. A viagem (que pode ser compreendida de forma metafórica), realizada pela protagonista, é uma aproximação com a origem perdida – ela passou por um processo de reconhecimento e desconhecimento cultural; se identificava com algumas coisas e se diferenciava em muitas, ia, desse modo, fazendo um apoderamento de sua própria história.

Para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei. Uma viagem de volta, ainda que eu não tenha saído de lugar algum (...) mas ando em busca de um sentido, de um nome, de um corpo. E por isso farei essa viagem de volta, para ver se não os esqueci perdidos por aí, em algum lugar ignoto (LEVY, 2010, p.12).

Todo o processo de escrita é pensado de forma a construir uma narradora não confiável – estratégia bastante comum em romances contemporâneos. A experiência de perda do imigrante, seja da língua, dos laços familiares, da terra, permite a criação de uma estética menos ligada aos padrões dominantes. Como se o sujeito em transição não pudesse contar a sua própria experiência, narrar os seus próprios sentimentos dúbios. Isso fica ainda mais latente na linguagem utilizada no romance - bastante pausada, cheia de lacunas, reticências, repetições, mostrando que a escrita não dá conta de representar o real. A linguagem traz consigo o trauma carregado pelo imigrante diante de tantos deslocamentos e consequentes adaptações culturais; estamos frente às tantas possibilidades de lembrar e de expressar.

Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. É bonito, é interessante, é engraçado, mas dói. Essa herança dói. O que trago comigo sem escolha dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor. (LEVY, 2010, 147).

Levy trabalha a questão da diáspora, do exílio, da imigração mostrando como o corpo reage a essas mudanças: “embora eu pertença ao meu lugar, à minha cultura, ao meu país, ao aqui e agora, há algo em mim – em meu corpo – que me remete a um passado do qual, por mais que eu queira e tente, é impossível fugir” (LEVY, 2008, p.166). Quanto a esse pensamento do corpo como representação de uma herança, Levy dialoga com Derrida, quando afirma que carregamos um fardo antes mesmo de nascermos:

o herdeiro deveria sempre responder a uma espécie de dupla injunção, a uma designação (assignation) contraditória: é preciso saber e saber reafirmar o que vem “antes de nós”, e que, portanto, recebemos antes de escolhê-lo, e nos comportar sob esse aspecto como sujeito livre (Derrida, 2004, p.12) .

Deitada na cama, entre insônias e fantasmas, comecei a entender que havia gravada em meu corpo a lembrança de acontecimentos dos quais sou herdeira, mesmo se eles se deram antes de mim. A memória da experiência de geração anteriores estava presente em mim mesma, no meu corpo, fazendo dele uma espécie de bloco de cimento, tão duro que eu mal conseguia carregá-lo. (LEVY, 2010, p.183)

O corpo, por ser frágil, deixa transparecer a subjetividade do sujeito. As expressões corporais guardam as verdades do ser, produzem linguagem. A protagonista explora essa dor corporal durante toda a narrativa: dói escrever; dói falar da dor; dói o peso da herança; dói a (i)mobilidade; dói o exílio; dói viver com a ausência da mãe. Ser

estrangeiro, na ótica da protagonista, é ser um sujeito de dor, que tenta sobreviver a experiências sociais e mentais de deslocamento e desamparo. Essa angústia da protagonista é intensificada por se tratar de traumas hereditários do povo judeu, além do trauma político da ditadura militar no Brasil que forçou o exílio da família em Portugal.

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? (LEVY, 2010, p.25)

Ao questionar sobre a sua própria existência, questiona e repensa uma coletividade; como se falar de si fosse falar dos outros, de outros que estão grafados nela mesmo: “carrego meu passado, carrego uma história que é e não é a minha, e por isso estou aqui, na Turquia” (LEVY, 2010, p.98). Em um diálogo com a mãe, a protagonista comenta sobre o passado não esquecido que ela carrega, como resposta a mãe fala que o peso está ligado ao silêncio do passado, mas que somente ela tem o poder de escolher a maneira como carregará essa herança. Conforme a mãe, a filha escolheu a forma mais pesada e dolorida de conviver com isso: “[O passado não se chama medo. Não questione tanto, minha filha, apenas prossiga a viagem e verá as surpresas que a aguardam, verá o quão leve a vida pode ser]” (LEVY, 2010, p.133). É como se a personagem fosse obcecada pelo sentimento de perda, pela necessidade de escavar o passado, de voltar a ele: “quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava” (Benjamin, 2000, p.239).

Eu estava com a passagem nas mãos e tinha poucos dias para arrumar a mala. Iria primeiro à Turquia, depois a Portugal (...) nunca tinha viajado assim antes...mal ou bem, era uma possibilidade de encontrar algum sentido para as minhas dores e tentar me desfazer delas...e me parecia lógico que se refizesse, no sentido inverso, o trajeto dos meus antepassados ficaria livre para encontrar o meu (LEVY, 2010, p.27).

A protagonista-narradora quando chega à Turquia passa por um processo de reconstrução do passado, através da metáfora da chave da casa, conforme a professora Eurídice Figueiredo. O deslocamento faz com que ela vença “ao mesmo tempo a paralisia e a morte, já que ela passa a comandar seus fantasmas interiores” (FIGUEIREDO, 2013,182).

A viagem da protagonista à Turquia suscita questões identitárias desde a chegada. Ela começa a reivindicar sua herança turca, o que lhe proporciona identidade plurais: judia, brasileira, portuguesa e turca. Ao inserir palavras e frases tanto em turco quanto em ladino e inglês em seu texto, a autora embaralha suas identidades e desterritorializa o português, penetrado por outras línguas (FIGUEIREDO, 2013, p.187).

Apesar da não realização de seu projeto de reencontrar uma origem, a narradora está mais equilibrada no fim do romance, pois realizou um duplo movimento de olhar para dentro e para fora de si, com o intuito de ir ao encontro de si, do mundo e do Outro. A narradora percebeu que, para sair do estado melancólico em que se encontrava, precisava sair do isolamento, do seu estado narcísico e se desvencilhar do seu passado - “vá em busca de sua casa e tente abrir a porta. Reconte a história do seu avô, reconte a minha também: conte-as você mesma” (LEVY, 2010, p.18).

3. Os trânsitos de Mundo

Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares.
(Guimarães Rosa)

Milton Hatoum, em *Cinzas do Norte*, enfoca a imigração portuguesa para a Amazônia e a convivência conflituosa de estrangeiros e nativos em um espaço em processo de modernização. Nos romances de Hatoum existe sempre um fluxo de personagens estrangeiros, que simboliza as diferenças culturais em Manaus, cidade de confluências de várias culturas, mas que também metaforiza o que se vive na contemporaneidade: a dissolução, ou reformulação da noção de fronteira, pela intensa mundialização de todos os níveis de relações nas sociedades. Encaminhamos o raciocínio evidenciando tanto o deslocamento físico quanto a dimensão interior e ontológica das errâncias – a viagem existencial em torno de si mesmo. A migrância, a diáspora, a errância acabam por enfatizar as relações entre identidade e alteridade, as relações conflituosas entre o Eu e o Outro.

A concepção globalizante de nação em trânsito coloca à tona a imagem das identidades oscilantes de imigrantes, expatriados, exilados, em constante embate entre a negociação com a cultura da nação que os acolhe e a preservação de suas tradições. Hatoum tem a preocupação, em *Cinzas do Norte*, de representar famílias imigrantes que procuram preservar a cultura de origem, mantendo costumes gastronômicos, expressões da língua materna, tradições religiosas e culturais, como forma de manutenção da memória do país natal. E, ao mesmo tempo, figura os estrangeiros procurando assimilar

os costumes e a língua do novo país que os acolhe, onde vivem, formam família, trabalham e contribuem para o desenvolvimento econômico.

Mundo, o protagonista do romance, transita por Manaus e por várias partes do mundo, e esses deslocamentos acabam por colocar em destaque a reelaboração e a reconstrução das identidades móveis que estabelecem o imaginário do sujeito contemporâneo. Isso é notável até mesmo a partir de seu apelido – Mundo – que metaforiza o desejo do autor de elaborar uma personagem que perambula por culturas e saberes diversos, desvinculado de ideias de fixidez e enraizamento. Essa personagem se movimenta e se refaz a partir de um trajeto que inclui travessias entre a floresta e o espaço urbano, fazendo-nos perceber que os sujeitos, bem como as culturas, em especial as amazônicas, se movimentam pelo mundo, levando-nos a reconhecer que as identidades assim como as culturas são híbridas, impuras, mutáveis e dependentes umas das outras.

O protagonista encontra dificuldades para se ajustar e se realizar em um determinado lugar, o que o leva a viajar por várias partes do mundo: Vila Amazônia, Rio de Janeiro, Londres, Berlim, entre outros. É esse sentimento, a nosso ver, que também dialoga com as feições dos sujeitos na contemporaneidade: por consequência do processo de globalização, as pessoas estão se movendo sempre e cada vez mais, pelos meios de comunicação e de transporte cada vez mais velozes, processo que nos dá a impressão de que os espaços e o tempo estão menores. Estamos vivendo na era da “modernidade líquida”, como diz Bauman (2001:14), expressão utilizada por ele para representar a fluidez de nossas sociedades, metaforizando com a força da palavra “líquida” as crescentes locomoções internas, os intensos deslocamentos de imigrantes e estrangeiros, a fluidez das identidades e das fronteiras nacionais, enfim, todas as relações moventes próprias ao nosso tempo.

Sabendo dessa condição fluida e heterogênea do sujeito contemporâneo, algumas questões são levantadas: como descrever a relação da personagem Mundo com sua terra de origem e como delinear a natureza de seu “pertencimento”? Como a literatura recria os seres migrantes, imigrantes, exilados, expatriados que elaboram modos singulares de vivenciar o “entre-dois”? O que podemos inferir, segundo nossas observações, é que os deslocamentos e o autoexílio de Mundo são ocasionados por motivos pessoais – a impossibilidade de se realizar enquanto artista, os seus desajustes com o próprio pai e o seu conflito artístico com Arana – e também seu descontentamento com as forças políticas e militares da época.

Essa opção de lançar-se à deriva é percebida na personagem Mundo desde a infância, quando inicia uma trajetória que já apontava para um sujeito ficcional dotado de características que o inseriam mais além das fronteiras sociais, políticas e culturais estabelecidas em seu entorno. As andanças de Mundo, embora compusessem a própria essência da personagem, também o ajudavam a constituir-se enquanto artista, que empreendia uma busca desenfreada no afã de encontrar saída para suas próprias angústias humanas.

Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feitos no Brasil e na Europa, na vida à deriva a que se lançou sem medo, como se quisesse se rasgar por dentro e repetisse a cada minuto a frase que enviou para mim num cartão-postal de Londres: “ou a obediência estúpida, ou a revolta”. (HATOUM, 2005, p.10).

Em extensão a essas palavras, podemos afirmar que a identidade precisa ser pensada sempre em relação com a alteridade, ou como afirmam Deleuze e Guattari, a identidade precisa ser pensada do ponto de vista da diferença. Milton Hatoum retrata esses descentramentos dos sujeitos, esse “EU que já é Outro”, quando coloca em cena “personagens que vivenciam a experiência da errância, da desterritorialização, do entre dois, que necessitam aprender a traduzir e a negociar entre as linguagens culturais que os cercam e habitam” (SOARES, 2008, p.79).

Mundo é o sujeito que assume posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas – condições diaspóricas. Ele representa o modelo performativo da identificação cultural, já que ele elabora a partir de seu posicionamento artístico e político uma crítica aos valores estéticos e governamentais que tentam atribuir estabilidade e totalidade às culturas amazônicas. Por conta da insatisfação com os modelos de representação arcaicos e tradicionais da cultura amazônica, ele resolve perambular e conhecer outros artistas.

“Pensei: todo ser humano em qualquer momento de sua vida devia ter algum lugar aonde ir. Não queria perambular para sempre... morrer sufocado em terra estrangeira. A errância não era o meu destino, mas a volta ao lugar de origem era impossível” (HATOUM, 2005, p.308).

Somente a inconstância o define. Esse pensamento de Mundo: “não queria perambular para sempre (...) mas, a volta ao lugar de origem era impossível”, como se vê, é ambivalente, possível pela conjunção “mas” que coloca em situação de oposição duas ideias: o “não” ao lugar de origem e o “não” ao lugar estrangeiro. Gosta e respeita a sua

terra natal, Manaus, porém sente necessidade de viajar, de movimentar-se, por questões políticas e pessoais. Os deslocamentos permitem uma aproximação cultural para além de suas tradições, com a infância, com a cultura amazônica:

Mundo queria rever o Amazonas. Aqui mesmo, neste banco, disse que, quando olhava para o mar, lembrava do rio Negro, das viagens de barco. “Mundo gostava da Amazônia? “Gostava e não queria gostar, era estranho”... acho que ele gostava sim da Vila Amazônia, mas dizia que a miséria estragava a beleza da natureza. (HATOUM, 2005, p.297).

O excerto acima apresenta a ideia de que estar é sempre a mediação entre dois lugares – é essa interação entre o particular e o universal que é apresentada com os deslocamentos de Mundo e também com o seu próprio nome: se chama Raimundo, mas, não por acaso, é apelidado de Mundo. Esse nome pode sugerir o diálogo entre uma perspectiva local e uma global, já que a personagem busca quebrar fronteiras e conhecer o mundo. Através da sua arte procura balançar as estruturas locais, propondo representações híbridas e heterogêneas da região amazônica e do próprio homem.

A partir dos passeios de Mundo percebemos que existe um “quê” de Manaus em Londres; locais diversos, mas que na narrativa se aproximam e, até certo ponto, se assemelham. É o processo de identificação na ambivalência e na disparidade que se apresenta na fala de Mundo. De Brixton, em Londres, Mundo redige uma carta ao amigo Lavo, dizendo: “minha reclusão não é atributo da geografia, mas a vida seria mais penosa sem certas coincidências, sem os amigos e a memória”. (HATOUM, 2005, p.239). Podemos fazer uma ponte com a fala de Anne Dufourmantelle, quando ela comenta a reflexão de Jacques Derrida sobre o tema da hospitalidade:

Quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase a de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de “um outro”. (DUFOURMANTELLE, 2003, p. 28).

Mundo representa, simbolicamente, o sentido de estrangeiro apontado por Jacques Derrida: de deslocar-se, ser o Outro e enunciar-se em garantia da alteridade. Nas palavras de Derrida, “a questão do estrangeiro é também uma questão do ser” (DERRIDA, 2003, p.09). Estrangeiro, nesse sentido, não é apenas aquele ou aquela no estrangeiro, no exterior da sociedade, da família, da cidade. Não é o outro, fora e aquém da família, da nação e ou do estado. Todavia, fala-se estrangeiro “o ser que é e o não-ser que não é”.

Essa aporia remete ao estranho que nos habita, “sendo a face oculta de nós mesmos”, conforme expressão de Julia Kristeva.

Para Kristeva, o estrangeiro não é apenas o deslocado da sua terra de origem, mas é também o lado turvo, inexacto e confuso de nós mesmos. Existe no “Eu” um lado sombrio, desconhecido; e, sobre essa questão, ela incita reflexões: “meu ‘eu’ está em outro lugar, meu ‘eu’ não pertence a ‘mim’... ‘eu’ existe?” (KRISTEVA, 1994, p.16). Esse pensamento revela o oculto de nossa identidade. Cabe trazeremos a definição de estrangeiro de Julia Kristeva:

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade (KRISTEVA, 1994, p.09).

Mundo é, portanto, “um estrangeiro para si mesmo”, pois está em si o próprio estrangeiro. Ele tenta encontrar realização pessoal através de suas viagens, mas, ao fim da narrativa, descobrimos que foi uma tarefa frustrada, a personagem não conseguiu satisfazer-se em lugar algum, quer seja o seu de origem, quer seja mundo afora. Essa inconformidade política, social e, principalmente artística, é ressaltada durante toda a narrativa.

Após tecer essas considerações, é válido ressaltar que Mundo é uma construção ficcional de Milton Hatoum com a intenção de afirmar que as identidades na contemporaneidade são fraturadas e heterogêneas, constituídas de deslocamentos, trocas e rupturas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois romances analisados, portanto, a viagem exerce papel fundamental, é a forma que os personagens-protagonistas encontraram de estabelecer ligação com o passado, de se sentirem vivos e, além disso, de expressarem a falta do não vivido, do não realizado, do não compreendido, próprio de sujeitos em estado melancólico e/ou em crise identitária. Mundo encontrou a arte como fuga do real e a narradora de Levy encontrou a escrita como válvula de escape.

Ambos os romances tratam da condição do estrangeiro, da dificuldade de se estabelecer entre dois lugares: de um lado, as raízes com o país perdido, o país natal ou o

país dos antepassados que ficou para trás; de outro lado, a relação com o país de adoção, no qual o personagem/protagonista/ não está totalmente ajustado, sentindo-se excluído ou segregado, por razões econômicas, culturais ou subjetivas. Nos dois movimentos há um desajuste, o sujeito não se encontra nem no espaço de origem nem no de adoção.

Referências

- BAUMAN. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BHABHA, Homi. *O local da cultural*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CHIARELLI, Stefania; GODOFREDO, de Oliveira Neto. *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura – Promessa de Hospitalidade*. In: EYBEN, Piero; RODRIGUES, Fabricia Wallace (orgs.). *Cada vez o impossível: Derrida*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *De quê amanhã: diálogo/Jacques Derrida; Elisabeth Roudinesco*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Migrações e identidades*. In: Zilá Bernd (org.). *Imaginários Coletivos e Mobilidades (Trans)culturais*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- HATOUM, MILTON. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- LEVY, Tatiana Salem. *Parte II. Pós-escrito*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.
- TARRICONE, Jucimara. *A metáfora e o estranhamento*. Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0720-1.pdf>.